



Um pouco de pensamento clínico: refletindo com Byung-Chul Han

Gláucia R. Tittanegro¹

Em 2025, o filósofo coreano radicado na Alemanha, Byung-Chul Han, publicou o livro *Sprechen über Gott – Ein Dialog mit Simone Weil*. A versão brasileira organizada pela Editora Vozes preferiu a tradução do título *Falando sobre Deus* e suprimiu o subtítulo. A escolha desta exclusão é no mínimo curiosa, mas a deixaremos de lado.



O autor abre seu texto dizendo o seguinte: “há algum tempo, Simone Weil fez morada em mim. Ela se instalou em minha alma. Agora, segue vivendo e falando em mim. Comecei um diálogo interior, íntimo, com ela. Senti uma profunda afinidade com seu pensamento” (p.9).

Essa sensação de que os pensamentos de alguém podem fazer morada, habitar em nós, é uma sensação que tenho experimentado com a filosofia, principalmente a partir do momento que comecei a me dedicar à clínica. Posso dizer que uma amostra disso se deu no doutorado, há mais de 20 anos, quando entrei em contato com o pensamento de Lévinas que, por sinal, é citado por Han quando ele diz:

Também para Emmanuel Lévinas, a atenção significa um “mais de consciência”, que “pressupõe o chamado do outro” (Lévinas, 1987, p.259)². O outro exige atenção. O pensamento de Lévinas é uma ética do outro como uma ética da atenção. Sem atenção, somos surdos ao chamado do outro. Somente na atenção ao outro, “o eu transcende” (Lévinas, 1987, p.197)³. (HAN, 2025, p.38).

¹ Filósofa Clínica, Recanto da Filosofia Clínica – São Paulo. gtittanegro@gmail.com

² Han refere-se aqui à tradução alemã de *Totalidade e Infinito* de Emmanuel Lévinas, publicada em 1987 pela Editora alemã Auber, em Freiburg/Munique (HAN, 2025, p. 143).

³ Idem.



Durante os anos que lecionei ética e bioética para cursos de saúde, e também no próprio curso de filosofia, essa ideia da atenção ao outro já era presente, mas como uma espécie de visada intelectual, na qual o outro ainda era um falar sobre e não um *olhar/escuta de*.

A abertura do olhar começa a se dar nos encontros sobre clínica, na atividade do consultório, nos cursos de formação no Recanto da Filosofia Clínica, aqui em São Paulo. A *filosofia clínica* – o pensar clínico – começa a partir do momento em que há o deslocamento, pois como diz Byung Chul Han, o

Pensar é uma transição, uma passagem para alhures. E, ao fazê-lo, ele permanece no *limiar*. A *consciência do limiar, o estado de limiar como espera*, é o que o caracteriza. Sem atenção, sem espera e paciência, o pensar como partida rumo ao totalmente outro não é possível. (HAN, 2025, p. 35).

Essa consciência do limiar veio quando tive a oportunidade de ler com um grupo de filósofos(as) clínicas(os) o texto de Giorgio Agamben, *A potência do pensamento*. Neste livro, o termo limiar não é frequente, mas indica justamente o limite da linguagem ao dizer as coisas.

Estar no limiar, situar-se no entre, é uma posição de abertura, de um limite que não é um fechamento. E é neste lugar que a clínica parece desenrolar-se, um lugar de espera, de atenção, de vazio. Um lugar onde a voz é uma tonalidade que não diz as coisas como são, mas como parecem para os interlocutores na partilha. Daí a relação instituída neste espaço ser uma relação de proximidade e de aproximação. Por mais que se siga uma literalidade inicial, por mais que se *atente* aos termos usados (termos particular, singular, universal, unívoco, equívoco) ou se observe uma certa completude ou incompletude dos discursos em clínica, o dizer que aí se dá é uma tentativa de dizer *a que venho*, um esforço de aproximação das questões que *me moveram* até aqui. Nessa fragilidade constitutiva, o clinicar é um movimento de abertura para um outro totalmente outro, ou seja, para um singular em sua unicidade.

O texto de Byung-Chul Han é intitulado *Falar sobre Deus*. Um falar sobre algo é um tematizar e, neste sentido, uma forma de generalização, isto é: apreendo uma determinada coisa de um conjunto de outras e falo sobre ela. Este falar sobre é um falar a partir de *si*, como *lhe* parece. Em seu diálogo interno com Simone Weil, Han procura captar e expor como é para ela. Mas quem é Simone Weil?

Quem nos faz a apresentação da autora é o prof. Fernando Puente da Universidade Federal de Minas Gerais nas seguintes palavras:



Simone Adolphine Weil, nascida em Paris no dia 3 de fevereiro de 1909 é uma das mais importantes filósofas do século XX. Em sua breve vida, vivenciou as duas Grandes Guerras. Ela faleceu aos 34 anos, no dia 24 de agosto de 1943 na cidade de Ashford (Reino Unido), sem ter podido presenciar a derrocada do nazismo e a libertação da França do jugo da Alemanha hitlerista. (PUENTE, 2026), s/n).



Ela era proveniente de uma família judia e era irmã do grande matemático “André Weil (1906-1998), membro fundador do Grupo Bourbaki, que revolucionou a matemática no século XX”. (PUENTE, 2026), s/n). Ambos tiveram uma educação peculiar estudando em casa e, não obstante, tiveram uma formação clássica rigorosa, ou seja, no aprendizado do grego e do latim abria-se e aprofundava-se a leitura dos grandes pensadores da tradição grega, mas também dos principais pensadores estudados na França naquele momento. Além disso, é preciso notar que Simone cresceu também em um ambiente de intensa movimentação político-econômica-social em prol de “melhores condições de trabalho para os operários, bem como por um engajamento dos intelectuais na formação educacional dos trabalhadores”. Isso se reflete, por exemplo, em seu trabalho de ensino de filosofia junto às filhas de operários nos vários liceus onde trabalhou. Mas também pode ser percebido quando a filósofa se decide a trabalhar como operária para sentir mais de perto como era a vida da classe trabalhadora. Essas experiências foram moldando seus modos, transformando-a em uma pacifista convicta, ainda que mais tarde ela própria se recriminaria por ter tomado essa posição. E é também a partir dessas bases categoriais que Simone Weil irá construir sua produção filosófica, pois para ela o contato direto com a vida é

uma experiência que ultrapassaria a mera especulação filosófica, mas que constituiria a base de uma reflexão autêntica nascida a partir de uma situação concreta, buscava assim reunir teoria (ciência) e prática (trabalho), ou pensamento e ação, de modo singular na filosofia do século XX. Raramente se encontra numa única pessoa, como é o caso de Weil, um discernimento político extremamente apurado e uma singular capacidade de pensar os problemas mais essenciais de modo profundo e original nas mais diversas áreas da filosofia. A biografia e a obra de Weil estão essencial e intimamente conectadas. (PUENTE, 2026, s/n).

É, portanto, com essa autora singular que o filósofo Byung-Chul Han vai dialogar neste texto sobre Deus, percorrendo um caminho que passa pela atenção, pela *descrição*, pelo vazio,



pelo silêncio, pela beleza, pela dor e pela inatividade. Cada uma dessas noções é trabalhada de maneira densa e profunda, formando as divisões do livro e exigindo do leitor/a um movimento incessante de avanço e retrocesso, uma vez que a linguagem clara de Chul Han é também um convite incessante às pausas, ao saborear cada proposição que, em sua aparente clareza, convocam à meditação, ao silêncio do entendimento.

Gostaria de me deter brevemente nas duas primeiras partes deste livro, a saber: na atenção e na *descrição*.

Han é um espectador da vida contemporânea, um filósofo que tenta descrever os fenômenos que compõem essa vida. Assim ele diz “a percepção tornou-se extremamente voraz. Falta-lhe qualquer amplitude contemplativa” (HAN, 2025, p.14). A percepção é um termo fundamental nas escolas fenomenológicas que fundamentam a Filosofia Clínica. Um dos filósofos mais importantes do século XX, dedicou a ela um importante livro – *A fenomenologia da percepção* – que é tão fundamental para a nossa clínica e não só para fundamentar submodo perceber. A fenomenologia é um “compromisso de retorno descritivo ao mundo vivido da experiência” (FONTES Fº, 2012, p.25) e o perceber é, como explica Merleau-Ponty, logo no prefácio de seu livro, “o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela [a percepção] é pressuposta por eles” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 6). E é esse fundo que Han está apresentando como uma voracidade sem qualquer amplitude contemplativa. Ele constata duramente que

a percepção é quase que cevada com lixo informacional e comunicacional, com lixo sonoro e visual. Estamos virando gado consumidor. A percepção é cada vez mais guiada por estímulos e vícios. Como ela está ocupada apenas em *comer*, já não consegue mais olhar. [...] Comer satisfaz apenas necessidades. Somente o olhar nos liberta da imanência do consumo, vazia de sentido (HAN, 2025, p.14).

Han se deixa guiar em suas reflexões sobre a atenção pelas seguintes palavras de Simone Weil: “em seu grau máximo, a atenção é igual a uma oração. Dois pássaros, companheiros inseparáveis, descansam na mesma árvore. Um come do fruto da árvore, o outro observa, sem comer.” (HAN, 2025, p.13). Um pássaro contempla enquanto o outro se alimenta. Essa imagem dos pássaros indica que contemplação é um movimento de alimentação da alma. “A atenção contemplativa é essencial para o olhar” e “quem é capaz de ver esvazia-se, torna-se ninguém”, ao contrário da “imaginação que constantemente sonha com alimentos a serviço do ego” (HAN, 2025, p. 15). É preciso ainda dizer que “a atenção contemplativa é o oposto da vigilância do caçador. Ela não busca nem persegue, mas escuta e demora” (HAN, 2025, p.17). Han afirma que é próprio da nossa época digitalizada os mecanismos e as plataformas de busca, que fazem parte

dessa voracidade da percepção e, consequentemente, dessa espécie de déficit de atenção que não é um vazio, mas um excesso de carga, uma necessidade de comer pelo comer, e, assim, uma obesidade, um desejar ao infinito, um estar sempre atigado e excitado à caça. Talvez essa sua crítica pudesse nos ajudar a ficar mais sensíveis a nuances do tópico Busca e do submodo Buscas em clínica. Quando uma clínica tem pressupostos – autoconhecimento, descoberta de sentidos para a vida, ir em direção a propósitos – não seria uma espécie de clínica de desempenho voltada a resultados? E não significaria isso uma forma de abandono de suas bases fenomenológicas? É bem verdade que a Filosofia Clínica não é unicamente fenomenológica. Não podemos esquecer da importância do Estruturalismo, da Analítica da Linguagem, das Lógicas etc., que compõem e norteiam a Filosofia Clínica. Ainda assim, o questionamento de Han não me parece banal. Ao contrário. Penso que este pode ser uma contribuição bastante importante em nosso trabalho clínico, abrindo nossa escuta não para direcionarmos algo, mas para permitir-nos permanecer nesse espaço de abertura que é próprio do espaço clínico. Assim como o pássaro que observa enquanto seu companheiro de alimenta:

A plena atenção ao outro só é possível quando a alma se esvazia ao se libertar daquela imaginação que está constantemente empenhada em incorporar o outro. Imagem e vazio são forças opostas. O vazio é a hospedaria que acolhe o outro tal como ele é, em sua alteridade, sem qualquer interferência ou mistura do eu. (HAN, 2025, p.25).

Embora Han utilize aí a expressão ‘atenção plena’, mais adiante ele fará o alerta mostrando que justamente porque “o capitalismo submete tudo ao consumo e à produção” e “até mesmo a espiritualidade é apropriada por ele”, assim “a atenção plena é a espiritualidade do regime neoliberal”. E por isso capital acaba por capturar mais esta dimensão do humano. Ao fazer isso, a atenção plena “coloca a espiritualidade completamente a serviço da produção e do desempenho. Isso exclui totalmente a possibilidade, ou *até mesmo a futura tarefa, de espiritualizar o trabalho mesmo.*” (HAN, 2025, pp.42 e 42).



É assim que o mundo parece a Byung-Chul Han quanto à atenção.

No segundo tópico do livro *Falando sobre Deus – Descrição* – Han inspira-se em outra fala de Simone Weil, a saber: “Meu Deus, concede-me tornar-me nada!” e irá trazer para o diálogo Giorgio Agamben.



Curiosamente, Agamben inicia sua carreira com uma tese de doutorado sobre Simone Weil, mas não publica a tese e não volta a escrever sobre ela. O próprio Han aponta este fato da tese ao dizer que

Ele [Agamben] se ocupou intensamente com sua [de Weil] obra. Diz-se que foi profundamente fascinado por suas ideias. Durante seus anos de estudante, chegou até mesmo a escrever uma tese sobre ela. Contudo, Agamben mantém silêncio sobre esse escrito até hoje não publicado. Dessa maneira, ele oculta sua ‘dívida teórica’ em relação a Simone Weil.⁴ (HAN, 2025, p. 47).

Em 1993, Agamben publica o ensaio *Bartleby, ou da contingência*, que é uma reflexão filosófica sobre o romance de Herman Melville *Bartleby, o escrevente. Uma história de Wall Street*. Neste livro, o autor trata daquilo que ele chama de ‘zona de indiscernibilidade’, uma zona cinza, por assim dizer, entre duas potências: a potência de ser (ou de fazer) e a potência de não ser (ou de não fazer).

Han diz que neste livro, Agamben

eleva Bartleby à condição de uma figura messiânica. Segundo sua leitura teológica, Bartleby encarna aquela ‘potência absoluta’ (*potentia absoluta*) que fundamenta toda criação. [...] Bartleby, como *law-copist* (escrevente jurídico), transforma-se numa folha em branco ao renunciar à escrita, uma folha sobre a qual *nada* ainda foi escrito. Esse nada é, segundo Agamben, a origem da criação. (HAN, 2025, p. 48).

Mas para Han essa interpretação de Agamben está equivocada porque, para o filósofo coreano, Bartleby “desenvolve sintomas típicos da neurastenia, que é uma forma de depressão. Com Bartleby, Herman Melville não transmite uma teologia da potência absoluta, mas sim a patologia de sua época” (HAN, 2025, p. 49). Han é um filósofo bastante sensível às questões da biopolítica. Assim como Agamben, Han leva o legado de Foucault adiante. Isso já aparece em seu livro que o tornou conhecido mundialmente – *A sociedade do cansaço* – como também em *Psicopolítica – O neoliberalismo e as novas técnicas de poder*.

⁴ Han está aqui fazendo referência ao texto de Michael Murphy que trata justamente dessa ‘dívida’ teórica de Agamben com Weil ao tratar dos conceitos de decreação e de potencial destituente. Trata-se de um capítulo da obra organizada por duas pesquisadoras da Universidade de Ottawa, no Canadá – Sophie Bourgault e Julie Daigle: *Simone Weil, Beyond Ideology* – que tem por objetivo mostrar que o pensamento de Weil, em diálogo com vários autores da filosofia política atual, não pode ser encapsulado em uma única ideologia, mas sendo o pensamento weilino tão versátil em suas temáticas e, talvez por isso, inclassificável em uma única e determinada abordagem, pode oferecer uma base crítica importante para diferentes ideologias políticas na história das ideias políticas.

Agamben e Han foram alunos de Heidegger. Cada um possui um modo de leitura dos textos filosóficos de Michel Foucault. Cada um deles deixou-se inspirar de uma maneira muito peculiar pelo pensamento de Simone Weil. Talvez, na academia, como os textos acima permitem perceber, visões tão distintas sejam difíceis de conciliar. Mas quem trabalha com Filosofia Clínica lida com fragmentos de histórias como este que acabei de apresentar. Tais fragmentos indicam modos de pensar e de ver o mundo, apontam para valores e buscas nas relações com as pessoas e as coisas. O Bartleby de Melville, de Agamben e de Han não é o mesmo. A Simone Weil de Agamben não é aquela de Han. O modo universal de falar de cada uma/um destas autoras/es não é o mesmo. E cada uma/um fala a partir de suas vivências, a partir de sua própria historicidade.

Minha intenção com esta reflexão foi perceber como a atenção em clínica se parece muito com esta atenção profunda, aberta, contemplativa. A atenção clínica é, além disso, oscilante porque a(o) partilhante não é um objeto de análise como uma célula ao microscópio, em que a visão é tão direta que tende a anular a opacidade do visado, tematizando-a(o). A(O) partilhante que se narra no espaço clínico não é transparente, não perde seu mistério, não é uma(um) visada(o) e, neste sentido, permanece *invisível*. Por isso no espaço clínico temos a chance de crescer em uma espécie de atenção criadora: um mundo se constitui aí, com um idioma próprio e único. E também por isso, podemos falar com Han que “na descrição, o ‘eu’ se desfaz de si para poder participar da verdadeira criação.” (HAN, 2025, p.60).

Referências Bibliográficas

- AGAMBEN, G. *A potência do pensamento. Ensaios e conferências*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- FONTES Fº, O. *Merleau-Ponty na trama da experiência sensível*. São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2012.
- HAN, B. C., *Falando sobre Deus*. Petrópolis: Vozes, 2025.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PUENTE, F. *Simone Weil*. Disponível em *Simone Weil – Mulheres na Filosofia*. <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/simone-weil/> Acesso em 26 de janeiro de 2026.

